

**FALANDO DE POLÍTICA NA ESPANHA OITOCENTISTA: LAS MUJERES
ESPAÑOLAS, PORTUGUESAS Y AMERICANAS**

Edméia Ribeiro*
(edmeialondrina@uel.br)

Resumo

Neste artigo apresentamos uma reflexão sobre o sentido político da coleção *las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, partindo da hipótese de que ela configura-se em produção material que construiu uma representação simbólica das características nacionais espanholas e elaborou um discurso sobre si, expresso no conjunto de sua percepção, produção e composição.

Palavras-chave: mulheres, política, Espanha

Abstract

In this article we presented a reflection on the political sense of the collection *las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, leaving of the hypothesis that she is configured in material production that built a symbolic representation of the spanish national characteristics and it elaborated a speech on itself, expressed in the group of his perception, production and composition.

Keywords: women, political, Spanish

O estudo dos aspectos políticos e da política, propriamente dita, para a historiografia mais recente, pode ser feito através das várias formas de expressão material do homem, mesmo não possuindo um caráter institucionalizado. Sendo assim, a história política voltou a configurar-se num campo da história e, mais do que isso, rejuvenesceu (RÉMOND, 1996).

* Professora doutora do Departamento de História da UEL - Universidade Estadual de Londrina. Paraná/Brasil.

Na concepção de René Rémond, após sua renovação e expansão na contemporaneidade – recuperou seu prestígio, buscou novos objetos, retomou temas antigos baseando-se em perspectivas diferentes –, o político passou a figurar como domínio privilegiado de articulação do social.

Por muito tempo, a história política era a do Estado, do poder, da conquista, das instituições (monarquias, por exemplo) e, nessa perspectiva, tinha grande prestígio entre os historiadores. O sentido atribuído à história, as ideologias, o modo de ver o mundo e o homem e as concepções científicas coadunavam-se com a facilidade colocada pelas fontes oficiais diplomáticas, produzidas pela própria política. Essas fontes refletiam o brilho do Estado e a história acompanhava essa glória, reproduzindo a trajetória dos soberanos e monarquias. Mesmo depois, com o fim do Antigo Regime, a história política voltou-se para o Estado e a Nação, ocupando-se com o estudo das guerras pelas independências, configuração dos Estados Nacionais, advento da democracia, revoluções políticas, entre outros.

Entende ainda Rémond que, com as transformações vivenciadas pelas sociedades, essa forma de pensar a história deixou de ter sentido porque privilegiava o individual e a narrativa em detrimento do coletivo e das indagações. O social e todas as transformações e especificidades explicavam muito mais do que aquela história que ficava só nos detentores do poder. Dessa forma, a história política tradicional ficava limitada aos fatos e generalizações e desconsiderava os processos, privando-se de uma análise correspondente a um tempo histórico e às peculiaridades de um espaço.

Na atualidade, as novas orientações da pesquisa e que harmonizam com o ambiente intelectual estão voltadas para o social - entram em cena as massas, camponeses, operários, marginalizados e excluídos da sociedade e da história como os negros, mulheres, índios, pobres, homossexuais... Dessa forma, argumenta René Rémond, depois de um longo período na marginalidade, a história política voltou com força, reintroduzindo a dimensão política dos fatos coletivos. Acontecimentos como as guerras, neoliberalismo, relações internacionais, e outros, contribuíram para lembrar que a política incide nos destinos dos povos e na existência individual. Além disso, a reintegração da política na história deu-se em função da ampliação do domínio da ação política.¹

¹ Temos como exemplo os poderes públicos que começaram a legislar, regulamentar, controlar, subvencionar a construção de moradias, assistência social, saúde pública, difusão da cultura, etc. Tudo isso acabou passando para os domínios da política e, conseqüentemente, da história política (RÉMOND, 1996).

Sobre esta perspectiva da história política, Michel Winock estuda o espaço e o reflexo das idéias políticas no social. Entende que é preciso reconsiderar o lugar das idéias na sociedade, uma vez que as idéias políticas não são apenas as dos filósofos e dos teóricos, mas também a dos homens comuns. A partir desta perspectiva, descobrir as marcas das idéias em todos os setores da sociedade, através dos diversos meios de expressão do homem, caracteriza-se numa renovação do campo da análise política. Para ele, o estudo de um fenômeno que teve grande reflexo ou sucesso na sociedade configura-se em um dos meios mais seguros de apreender as opiniões populares e de ver através dos ouvidos, olhos, mente, boca, ou seja, “através dos sentidos” da sociedade (WINOCK, 1996).

A coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, por tratar-se de uma produção que revela saberes no campo da escrita e no aspecto iconográfico, toca os imaginários sociais pela sua característica imagética e pedagógica, por exprimir o engenho e a produção humana num determinado momento histórico e também pela particularidade política que apresenta (BACZKO, 1985). Esta obra constitui-se em uma coleção de imagens – litografias - e textos publicada no final do século XIX – década de 1870 - na Espanha. Produção bastante grandiosa para a época, por seu tamanho e aspectos editoriais, escolheu a temática feminina para abordar assuntos políticos prementes naquele momento. A Espanha, neste período, sentia os reflexos de algumas perdas como a territorial - com as independências na hispanoamérica - além de perdas no campo político, econômico e militar.

Os textos e imagens que compõem essa obra tocam o olhar e mexem com o gosto e expectativas do observador/destinatário ao mesmo tempo em que apresenta, mostra e ensina sobre espaços e populações. Por outro lado, constitui-se também em expressão política de uma época. Vários são os motivos que a transformam em veículo e espaço de idéias políticas – no plural, por não representar ideologia única. Um deles diz respeito ao período em que foi concebida e produzida. A década de 1860, na Espanha, ficou marcada pela Revolução Gloriosa do ano de 1868. Período de marcante movimentação social, esta sublevação foi apadrinhada pelos partidos progressista e democrático, e culminou com o destronamento da Rainha Isabel II, representante dos *Bourbons*. Durante a primeira fase do período revolucionário, o poder foi exercido por uma Junta Revolucionária de Madri, que ficou com a responsabilidade de constituir um governo provisório (JOVER ZAMORA, 2001, p.188-192).

Esse ano, importante para entender a história da Espanha, condensou todas as insatisfações dos espanhóis daquele momento, burguesia, proletariado e camponeses. As causas da Revolução de 68, na visão de alguns autores, são de natureza social e política, muito mais do que econômica. Era a soberania nacional que se buscava, um governo que representasse todas as forças vivas do país, o estabelecimento de uma ordem e da regeneração social e política. Mas essa agitação revolucionária, como salienta Miguel Artola, constituiu-se em um movimento burguês que não buscou uma ruptura total, mas a substituição de um regime moderado por um democrático/liberal. O governo provisório, a partir de 1869, empreendeu um novo sistema político que se baseou no reconhecimento dos direitos de todos os cidadãos à participação política e a diminuição do poder real. Esta fórmula vigorou até 1873, enquanto Amadeo de Saboya esteve no poder. Encontrou oposição da Igreja, dos republicanos e de parcela da população, através do desenvolvimento de movimentos de trabalhadores e greves. A revolução estabeleceu um regime sob bases novas, mas as reformas sociais tiveram um alcance muito limitado (ARTOLA, 1983, p. 363-381).

A intencionalidade política da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* também está representada no fenômeno do surgimento do homem comum no seio da sociedade oitocentista – aparecimento de novos tipos sociais – e sua vinculação ao enredo nacional. A emergência das nações, principalmente após a Revolução Francesa (HOBSBAWN, 2004, p. 125) – que marcou de forma indelével o dezenove –, configurou-se em pano de fundo para essa nova inclusão no discurso nacional. A vinculação e a participação efetiva com e na política pela grande maioria dos escritores também dá indícios da expressão política dessa publicação.²

O nacionalismo constituiu-se em fato representativo do século XIX. Implicou na exaltação das qualidades de um povo, sugeriu sua força política e supôs afirmação de poder e grandeza. O problema que toca essa questão são os critérios e discursos utilizados para corporificar e dar sentido ao que poderia ser o nacional: dos mais objetivos, como língua, religião, raça – considerando todas as implicações da teoria racista - àqueles de caráter mais subjetivos, como a escolha individual dos grupos, de acordo com suas preferências: todos apresentaram-se insuficientes e problemáticos.

² Somente uma minoria entre os autores que publicaram na coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* não militou na política ou participou ativamente ocupando cargos e ministérios espanhóis.

O século anterior já enunciava a questão da nacionalidade com a conceituação de caráter nacional de J. G. Herder, baseada no princípio da originalidade. Este filósofo defendeu a idéia de um desenvolvimento orgânico das nações e ancorou-se na perspectiva da valorização da originalidade de cada povo e desenvolvimento das características particulares e especificidades de cada um. Herder sustentou a condução autônoma e heterogênea das nações. Entre os aspectos de sua tese, uma delas conduzia à valorização do passado e à fuga diante da vida moderna (LEITE, 1992, p. 33-34).

As teorias que tentaram explicar a idéia de formação do caráter nacional – conceitos psicanalíticos, fisiológicos/biológicos, antropológicos, históricos –, de acordo com Dante Moreira Leite, não resistiram “(...) a uma análise mais objetiva, mais rigorosa, e parecem revelar formas (...) de preconceitos contra estrangeiros, bem como a exaltação da própria cultura. Neste sentido, seria possível classificar essas descrições como ideologias e não como teorias científicas” (LEITE, 1992, p. 133).

Embora na atualidade o conceito de caráter nacional e sua inerente insuficiência tenham sido colocados em questão, a particularidade da fonte analisada nesta pesquisa suscita – principalmente por tratar-se de produção do século XIX – a identificação do “ser nacional espanhol” retomando aspectos originais e peculiares dos povos dessa nação. Literatos e litógrafos encamparam a idéia do editor da coleção que era retratar tipos originais e particulares de vários territórios tocados pela civilização espanhola e lançaram-se no propósito de descrever, criar perfis e registrar personagens simbólicos que caracterizassem singularidades e representassem, de certa forma, o passado da Espanha.

Las mujeres españolas, portuguesas y americanas se ocupa das questões institucionais da época e vários são os indícios de que está prenhe de sentido político. Em primeiro lugar, ao eleger personagens comuns, como aqueles que, junto com a burguesia estavam insatisfeitos com os rumos políticos da nação (ARTOLA, 1983), constitui em retrato de um espaço nacional que havia vivenciado um movimento revolucionário que questionava o poder vigente e que acabou por destronar uma descendente da dinastia bourboniana.³ Outro aspecto diz respeito aos espaços retratados, todos representantes de instituições nacionais – repúblicas e monarquias - ou regionais - províncias. A escolha dos espaços territoriais que compõem a obra

³ Referência à Revolução que aconteceu em setembro de 1868 na Espanha, conhecida como Revolução Gloriosa e que destronou A Rainha Isabel II, filha de D. Fernando VII.

foi política e não aleatória. Uma terceira observação refere-se ao tema “mulheres”, claramente ligado, neste século, às questões republicanas, nacionais e de construção da nacionalidade⁴ e aos assuntos na sua forma e preponderância como foram abordados.

Alguns autores iniciam seus escritos informando o significado e sentido da mulher – “*la hermosa mitad del genero humano*” – para a sociedade e para os homens, para logo em seguida descrever aspectos históricos, geográficos, topográficos, climáticos, naturais, entre outros, da localidade apresentada. Muitos escritores optam por iniciar direto pelas informações acima. A parte seguinte invariavelmente trata da natureza bela, graciosa, imprescindível e agradável das mulheres. A maternidade configura-se em um dos aspectos mais elevados pelos diversos escritores. A abordagem das peculiaridades femininas do espaço territorial retratado, como os usos, costumes, raça, traços físicos, trajes, aspecto moral, posição social, semelhanças e diferenças, geralmente é feita na última parte dos artigos. Há que se considerar que referências aos assuntos de caráter político perpassam todo o texto - em maior ou menor grau, dependendo do escritor, seu ímpeto e verve política -, muitas vezes sem um lugar definido nas composições monográficas.

Além dos usos, costumes e tipos, entre os assuntos recorrentes nos discursos dos diversos autores, destacam-se a maternidade e sua relação com a pátria/nação/sociedade. Para a discussão da mulher e sua função social – educar os filhos e cuidar do marido -, vincula-se mulher e educação. A mulher e sua educação moral são perscrutadas em todos os tipos analisados; civilização e as transformações contemporâneas vivenciadas pelos espanhóis também preponderam nas linhas dos escritores.

Importante observar, para compor este quadro, os escritores que colaboraram com a coleção. Grande parte deles estava ou fora envolvida com a atividade política, atuando ou escrevendo em periódicos – além de dedicarem-se à literatura. A apresentação da coleção é de autoria de Antonio Cánovas del Castillo, o último presidente que a Espanha teve no período em que vivenciou a efêmera experiência republicana.

Os destaques dados nos textos para a tradição, história e geografia da Espanha e das outras regiões também ajudam a reconhecer um sentido político presente na coleção.

Outra particularidade dessa obra que traz imagens e textos da América e da Espanha diz respeito à forma de apresentar espaços e personagens em perspectivas diferentes. Observadas

⁴ Tais discussões podem ser encontradas em (CARVALHO, 1990; PRADO, 1999; AGULHON, 1998).

as litografias das mulheres espanholas e das americanas, embora representem concepções idealizadas do feminino, percebe-se uma diferença na forma de retratá-las. As imagens das espanholas representam as mulheres do campo e *de los pueblos*, ou seja, as trabalhadoras. As representações americanas contrapõem a mulher do campo, mestiças, com as damas aristocráticas – as brancas. São vários os espaços territoriais hispanoamericanos ilustrados com mais de uma litografia, demonstrando dois tipos de mulheres pertencentes a estas sociedades, aquela que foi fruto da miscigenação entre as duas raças, e da representante – ou descendente – espanhola (ver litografias 1, 2, 3 e 4).

Entre os discursos dos artigos e das imagens, também é possível perceber diferenças, pois comunicam conteúdos desiguais, embora complementares. O destaque das exposições monográficas é para a natureza e clima, para os aspectos político, histórico, geográfico, e sobre mulheres. Há uma diversidade de temas nas composições textuais. Quanto à representação iconográfica, o foco direciona-se especificamente para a mulher e sua atividade ou posição social, num determinado contexto – eleito pelo litógrafo. Captados os trajes, hábitos, tipos, costumes, aspecto moral, função, ela é a personagem que está sempre em primeiro plano.

Os artigos que retratam Espanha por um lado e Américas e Filipinas, por outro, da mesma forma, enfatizam conteúdos diferenciados. Quando representadas as Filipinas e Américas – tem-se que levar em consideração que o Brasil também está contemplado nessa coleção –, são evidenciadas as diferenças étnicas. Encontra-se uma farta discussão sobre a raça nativa – denominada indígena – e as respectivas diferenças entre índias, mestiças e mulheres brancas. A mulher idealizada é a branca, considerada “dama da sociedade”. Elas são aproximadas em gosto, trajes, hábitos, costumes e aspectos morais às espanholas. Então, nota-se que, no caso destes territórios, a ênfase não está no peculiar ou nos aspectos que as diferenciam entre si, pois essa questão está implícita em função das diferenças e divergências raciais – e sociais - entre índias, mestiças e as descendentes de espanhóis. O objetivo está em mostrar as similitudes, o que tem de igual com a Espanha, ou seja, a presença cultural e biológica desta nação.



(lit. 1) - *Mujer de Almería*

(lit. 2) - *Mujer del Pueblo - Almería*

Quanto à Espanha, é recorrente nos artigos dos autores uma forma de escrita evidenciando a dificuldade em demonstrar peculiaridades e especificidades que marcam as mulheres das localidades retratadas, justificada pelas marcas e unicidade decorrentes da ação do progresso. Dessa forma, essa “mulher típica” e as conseqüentes tradições, os escritores vão buscar no campo, que, de acordo com os mais variados discursos, ainda mantém costumes, hábitos, trajes, ou seja, “lugares” onde estão assentados os resquícios e símbolos da tradição, onde o progresso não corrompeu as características típicas do lugar. Em relação à raça, a grande maioria dos artigos faz referência à presença árabe, tanto nos costumes quanto no aspecto físico mas, diferentemente da raça indígena, tal influência não é considerada como um problema – exceto no que tange à religião – e, ao contrário, é vista como benéfica para os povos das diversas regiões da Espanha, no aspecto físico, nas conquistas materiais e no desenvolvimento.



(lit. 3) - Dama de Cuba



(lit. 4) - Señora de Habana - Cuba

Assim, partindo do exposto acima, a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* emerge na problemática nacional da segunda metade dos oitocentos, buscando definir e encontrar traços do caráter espanhol e representar os indivíduos em suas especificidades singulares, seja nas províncias espanholas ou em regiões colonizadas por essa nação. Na particularidade dessa obra, foram as formas femininas utilizadas para simbolizar e representar todas essas perspectivas – e expectativas – que envolviam a problemática nacional espanhola na segunda metade dos oitocentos.

REFERÊNCIAS

AGULHON, Maurice. Mariana, objecto de “cultura”? In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (orgs.). **Para uma história cultural**. Trad. Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

ARTOLA, Miguel. **La burguesía revolucionária (1808-1874)**. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**, vol. 5, Antropos-homem. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HOBSBAWM, Eric. J. A nação como novidade: da revolução ao liberalismo. In: **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Trad. Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

JOVER ZAMORA, José María; GÓMEZ-FERRER MORANT, Guadalupe; FUSI AIZPÚRUA, Juan Pablo. **España**: sociedad, política y civilización (siglos XIX-XX). Madrid; Areté, 2001.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**: histórias de uma ideologia. São Paulo: Ática, 1992.

PRADO, Maria Lígia Coelho. A participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina. In: **América Latina no século XIX**: tramas, telas e textos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

WINOCK, Michel. As idéias políticas. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.